

A romaria de ontem às igrejas foi uma vergonhosa manifestação de descrédito para a Igreja

Os jornais católicos passaram apressadamente por sobre o cadáver do Cristo, nestes dias em que se comemora a sua morte e sua fantástica ressurreição, para insultarem desbragadamente todas as pessoas que não aceitam os dogmas católicos estabelecidos pelos caprichos das votações nos concílios da Igreja de Roma. Esquecidos do "perdoai-lhes senhor que eles não sabem o que fazem" comemoraram ontem o Cristo—o maior prisioneiro e o maior caluniado da Igreja—dando uma tunda fumegante naquelas que entendem que a vida não deve reger-se pelas podres mentiras dum passado hediondo, sinistro pelos seus crimes e repelente pelas suas corrupções. E sua atitude guerreira só prova o seu sectarismo feroz, a sua grossaria inata, só demonstra que a religião é para eles a melhor desculpa do ódio incomensurável que nutrem contra todos os que colocam a justiça, a verdade, a beleza, a liberdade acima duma mistificação que é também um negócio rendosíssimo, um dos maiores negócios do mundo.

Nunca, como nas colunas dos jornais católicos, comemorar significou insultar. No que fizeram bem foi em não manifestar regosio pelo avultado número de pessoas que ontem apareceram na rua vestidas de negro e acorreram com igual fervor às igrejas e às pastelarias—a afirmar a fé e a comprar amêndas. O dia de ontem não foi católico, mas essencialmente pagão. Em vez duma parada de fé, presenciou-se uma parada de damas *chics*, de senhoras bem vestidas que sabem muito bem que o negro condiz admiravelmente com a sua tez morena. As igrejas foram ontem quartel de criaturinhas frívolas que exibiram *toilettes* decotadas, proclamando perante a fé amortecida, vivendo de vãs e quiméricas

aparências, os esplendores da carne e as alegrias fecundas que imortalizam a vida. Entrava-se nelas por entre sorrisos e, lá dentro, o mar humano agitava-se em ondas voluptuosas irremediavelmente. E é a essa farça dos sentidos, a essa profunda contradição entre o que se sente e o que se simula sentir que os jornais católicos de hoje deverão chamar, a exemplo dos anos anteriores, uma grande demonstração de fé.

Esses jornais sabem perfeitamente que não se deve confundir modernismo com religiosismo e não nutrem ilusões sobre o culto de Cristo feito com pacotes de amêndas e com apoteoses de belicóses e acotovelamentos suspeitos nas casas, escuras como as dos cinemas do denominado Deus. Os que ontem se vestiram de negro contribuíram mais do que todas as perorações para o descrédito dessa igreja que teima em não morrer.

Mas como resposta aos que afirmam que os que combatem a Igreja são estúpidos e ignorantes transcrevemos algumas passagens dum artigo de Basílio Teles—que foi, neste país, uma grande e indiscutível mentalidade:

—Filhos meus—eis o que a Igreja devia proclamar aos ventos e tempestades do século—ide, andai para diante, não espereis que vos acompanhe. Estou velha, paralítica, exausta; e vós, repletos de seiva, ágeis e moços. Fui uma *forma*, mas uma *forma* só da vida; e vós sois a vida mesma, os eternamente jovens, os eternamente cambiantes, porque sois a natureza na sua ondulação, vaga inextinguivelmente poderosa e fecunda. Deixai-me pois, abandonai-me, e marchai sem mim. Ou melhor, retalhai-me, exterminai-me primeiro, segui depois; porque a vida alimenta-se do cadáver mas não o consente a seu lado. Como vós tam-

bém vivi, e aceitei do viver os seus deveres indeclináveis e terríveis; também retalhei e exterminei, pelo gládio e pela fogueira, quanto se opôs à minha fúria indomável de expansão, à minha sede inextinguível de vencer, de possuir, de avassalar.

«E reparai que não chorei, que bebendo todo esse sangue espalhadinho a torrentes pelo mundo, não senti piedade nem remorso; não implorei dos céus perdão, recusei até, ao contrário do guerreiro antigo, honrar as vítimas prostradas, entoadolhes em cima um canto doce de reconciliação e esquecimento. Antes, celebrei as hecatombes com hinos de alegria triunfal, enchi os ares de implacáveis maldições, envoltas em nuvens de incenso, contra quem ousasse derramar, por elas, uma lágrima furtiva.

Teria mesmo, se pudesse, riscado os seus nomes da lembrança dos homens, como excluí seus corpos de sepultura em terra santa.»

«Crendo suplantar as duas pátrias augustas, onde nós todos vamos buscar luz e exemplo, proclamou-se imutável e eterna, não viu que só perdura o que indefinidamente se transforme. A Grécia e a Itália sim, são eternas; porque a Grécia instruiu, não deformou e a Itália educou, não destruiu. Mas a Roma papai é efêmera porque deturpou, deformou os corações e os cérebros, porque não fez mais que fabricar cretinos ou hipocritas...»

E fabricou também rebeldes. Por isso te somos gratos, ó Santa Igreja de Roma. Neste momento de ansiedade, em que o nosso destino está em jogo, não sabes imolar esse orgulho, esse néscio orgulho judaico, ao sossego e ao bem-estar dos teus filhos; nem te humanizas nem morres. Perdoa então se, para vivermos, fôr preciso exterminar-te.»

A BOA SEMEITEIRA

Um militante do Pessoal Extraordinário dos Tabacos transmite à "Batalha" impressões acerca de uma escola que a sua classe mantém

São bem conhecidos os esforços que algumas instituições populares empregam no sentido de difundir a instrução. E mister é reconhecer-lhe a iniciativa particular muito feita, sem que o Estado, desleixado, caloteiro e esbanjador de verbas em coisas inúteis e perniciosas, se ruborise com a concorrência.

A-par-das universidades populares, que vivem mais da contribuição mental dalguns pedagogos ilustres e desinteressados do que da contribuição pecuniária da massa que necessita instruí-los, alguns sindicatos operários fazem prodígios de economia para manterem escolas suas, onde os seus associados e seus filhos vão beber a seiva benéfica do alfabeto. Dessas iniciativas quantas têm falecido por falta de incentivo, quantas caem desoladamente, por falta de carinho dos principais interessados?

Há dias publicou a *Batalha* o extrato duma assembleia do pessoal dos tabacos, do qual sobressaía a resolução de ampliar uma escola que aquele Sindicato mantém. O desejo de conhecermos de perto a maneira como, neste período de crise que nos assobea, um organismo operário consegue manter e até ampliar uma escola, conduziu-nos à rua do Mirante, onde se sede a Associação do Pessoal Extraordinário dos Tabacos.

Subida a escada escura e fétida, deparámos com o camarada José Fortunato Coelho Torres, secretário da comissão escolar e delegado efectivo daquela classe, precisamente quando ele, sentado a uma modesta secretária, compulsava a escrita administrativa da escola.

Feitos os cumprimentos da praxe, declinámos os fins da nossa visita e iniciámos o diálogo:

—Então, a vossa escola progrediu?

—Progrediu, sim—responde-nos Torres com entusiasmo. Querê vêr?

E o nosso entrevistado, solícito, conduziu-nos à sala da escola, onde a professora, sr.^a D. Humbelina Simões, jovem ainda, mas, ao que nos diz o nosso locutor, muito hábil e dedicada à sua missão de educadora, lecciona 33 crianças de ambos os sexos, subdivididas pelas três classes da instrução primária.

A-pesar-do material escolar ser antiquado respira-se ali um ambiente de contentamento por parte dos educandos.

Retirámos-nos como entrámos, pé ante pé, para não estorvarmos, e já no gabinete de entrada, voltámos a série de perguntas.

—De quem partiu a iniciativa?

—Eu lhe digo: A nossa classe, mais do que algumas outras, necessitava de uma escola onde as crianças, na ausência forçada das mães, encontrassem o resguardo conveniente do perverso ambiente da rua.

—Isso levou-nos a congregar a montagem da escola e, por via dumas festas, ofertas de donativos e uma conta especial voluntária, conseguimos inaugurar-la em 18 de Outubro do ano findo...

—A sua manutenção

—Mantem-se por si própria. Temos 250 subscritores voluntários e cobramos 4\$00 mensais por cada aluno...

—As crianças permanecem aqui...

O nosso entrevistado, um sorriso de satisfação a bailar-lhe nos lábios, atalha:

—Antes da entrada nas fábricas as mães trazem-nas para a escola, a professora lecciona-os até às 17 horas e depois ficam entregues aos cuidados da continuação, mulher carinhosa, até que as mães as vêm buscar.

—E o âmbito da escola satisfaz as exigências?

—E' muito acanhado—responde-nos Torres com um ar de tristeza—há muitos candidatos a alunos, mas nós, ao abrigo duma resolução ultimamente tomada, vamos demolir o palco e aproveitar o espaço que elle ocupa para colocar mais 11 carteiras e 27 bancos, para cuja construção temos já materiais preparados.

—Também pensamos em dotar a nossa escola de todos os elementos exigidos pela moderna pedagogia, começando por criar uma aula de labores para o sexo feminino.

Comparilhando do entusiasmo do nosso locutor não podemos furtar-nos a perguntar-lhe:

—A classe corresponderá, não é verdade?

—Confiamos que sim. Vai nisso o futuro dos seus filhos. Se todos se predispozem a contribuir com uma pequena parcela monetária, contamos abolir muito em breve a contribuição por aluno e, mais ainda, a fornecer-lhes todos os artigos, tais como papel, livros, lápis, etc., absolutamente grátis.

E para fechar, o ardoroso militante do pessoal dos tabacos, com um optimismo muito para louvar nestes tempos em que o septicismo campeia, diz-nos ainda:

—Pensamos em ir mais além. Se a classe nos ajudar montaremos uma boa biblioteca infantil, com obras educativas escolhidas dos melhores autores.

Já a caminho da redacção, radicou-se-nos no espírito a ideia de, de nosso alvêdrio, lançarmos daqui um apelo à laboriosa classe, cujo futuro tão ensombreado está, para que acarinhe a sua escola—aquele atelier onde os seus pequerruchos devem ser modelados para futuros seres livres—lembrando mesmo aos que não tenham filhos de que nobreza do seu carácter se revelar disputando a primazia no auxilio a conceder a tão presente iniciativa.

Para irritar as "Novidades"...

MÉXICO, 1.—Continua a luta religiosa, tendo sido presos para efeitos de expulsão os maristas do instituto franco-ingles. Seis religiosos italianos e dez espanhóis foram levados para a fronteira.

A ARTE E OS ARTISTAS

Abre hoje, para a imprensa, e dias seguintes para o público, a vigesima terceira exposição de arte organizada pela Sociedade Nacional de Belas Artes.

A Rússia e a conferência do desarmamento

GENEVA, 1.—Tchitcherine notificou à secretaria geral da Sociedade das Nações que a Rússia não tomará parte na conferência do desarmamento, em virtude de se realizar na Suíça.

Um telegrama de Moscou acrescenta que o governo dos soviets não tenciona desarmar a sua esquadra.

Um outro despacho de Helsingfors diz que a esquadra russa realizará grandes manobras da primavera no Golfo da Finlândia, visitando depois os portos do Báltico, Kiel, Marselha e Genova.—(L.)

A revolta a bordo de um navio inglês

VIGO, 1.—Entrou neste porto o navio inglês "Tenacity", em virtude de se ter revoltado parte da tripulação, trazendo ainda arvorada uma bandeira vermelha.

Um contingente da marinha espanhola dominou completamente a rebelião, prendendo os amotinados.

A peçonha militarista

VARSÓVIA, 1.—A Dieta diminuiu o contingente de recrutas de 23.000 homens. Foi rejeitada uma proposta para que essa diminuição fosse de 49.000 homens.

Porque são demais...

BRUXELAS, 1.—Um decreto do governo proíbe, desde 28 de Março, a importação de carneiros da Polónia, por lavrar a febre aftosa naquele país.—H.

Legionários católicos

BUDAPEST, 1.—A imprensa occupa-se das associações secretas, tendo um jornal publicado detalhes da organização de uma "Liga do Sangue", vulgarmente conhecida por "Dupla Cruz", a qual poderá mobilizar num instante cem mil homens, organizados militarmente.—H.

Desfecho imprevisto

MONTPELLIER, 1.—Enquanto uma família se encontrava no teatro, assistindo ao espectáculo, um grupo de desconhecidos assaltou-lhe o domicilio, roubando 250.000 francos em jóias, dinheiro e papéis de crédito.

Os comunistas e os socialistas na Câmara francesa

PARIS, 1.—O encerramento do debate financeiro foi precedido de várias declarações de voto, e deu lugar a um incidente entre comunistas e socialistas.

O sr. Fournier, novo deputado comunista pelo Sena, leu um violento manifesto contra os projectos financeiros, contra a Câmara e contra o "cartel". Constatando a fraqueza dos socialistas, ofereceu-lhes uma acção comum.

O sr. Renaudel disse que os socialistas deram no domingo os seus votos para o triunfo contra a reacção, mas que o seu partido segue uma política republicana, rejeitando a frente única, que teria apenas como resultado a prisão dos socialistas pelos comunistas, como na Rússia.

ANGOLA E METRÓPOLE—BANCO DE PORTUGAL

"Acabaram-se as contemplações" e o feitiço começa a voltar-se contra o feiticeiro, deixando-o mal ferido

Dissemos num dos nossos últimos artigos que tudo quanto a *Batalha* tem publicado acerca deste emaranhado caso do Angola e Metrópole tem sido plenamente confirmado. E estamos convencidos que, à medida que os dias vão decorrendo, cada vez mais e melhor as nossas revelações se confirmam. Logo no começo das investigações, ainda os presos se encontravam incomunicáveis, afirmámos que não se tratava de um simples, de uma vulgar falsificação de notas. A casa Waterlow que se fez, não iria comprometer a sua reputação mundial numa mesquinha falsificação, nem tampouco iria receber encomendas de tanta gravidade se as assinaturas autênticas (examinadas por peritos seus) de Inocêncio Camacho e outras entidades não lhe merecessem confiança. Afirmámos, pois, que havia gente altamente colocada na política e na finança portuguesa comprometida no escândalo, afirmámos ainda que as escalas não podiam ter sido fornecidas por outra pessoa que não fosse Inocêncio Camacho, que os contratos para fazerem fei perante a casa Waterlow & Sons deviam ser autênticos, e que portanto haviam colaborado na emissão clandestina das notas, pelo menos, tantas pessoas quantas tivessem suas assinaturas nos contratos devidamente reconhecidas pelos tabelães, consulados, etc.

Tudo o trabalho das investigações, como agora toda a gente em Portugal compreende, se cifrou em torcer esta verdade incontestável, inflexível. Mas o juiz investigador, por deficiência mental, porque a tarefa era excessivamente grande para a sua limitada inteligência, à força de querer tornar culpadas apenas determinadas criaturas que torpes conveniências políticas pretendem inutilizar, acabou por arranjar um processo de vinte volumes de inutilidades.

Uma entrevista curiosa

O preso Alves Reis concedeu à *Novidades* uma entrevista, cuja parte essencial responde inteiramente a inúmeras revelações que temos feito no decurso da nossa campanha.

Eis a entrevista:

—Vivo ainda?—preguntou o redactor das *Novidades*.

—Ainda vivo, sim senhor. Ouço dizer que me querem matar.

—Corre isso... Mas quem?

—Compreende que o bandido Alves Reis

(e o preso sublinha com um sorriso a palavra) que de resto é um bandido muito antigo visto que todo o dinheiro que arranhou o enterrou em Angola, teve no seu acto de banditismo, além dos naturais colaboradores que toda a gente sabe quem são e que eu me admiro muito de não estarem aqui numa cela ao pé da minha, *esta e variadas gente...*

—Políticos?

—Muita gente. E' portanto natural que no dia em que eu me resolva a dizer tudo, certos culpados vejam as suas culpas manifestas ou agravadas e certos que o são de facto, mas não de *directo constituído*, passem um péssimo quarto de hora.

—V. n.unca acusou ninguém?

—Não, senhor. O Inocêncio Camacho mesmo, não o acusei. Encontrei o nome dele ao defender-me. Nunca fui um delator. Mas já cessaram todas as contemplações.

—Bem vê. Não estou disposto a calar os nomes e as provas de auxílio que recebi dos meus cúmplices no crime, se é crime o que eu fiz de colaboração com eles. A justiça dirá, em face das provas que eu apresentarei.

—Quando?

—Na instrução contraditória. Mantenho todas as declarações que constam do processo e que dizem respeito à emissão clandestina, como muito bem lhe chama sempre um dos juizes. E vou documentá-los deante do juiz togado e na frente do meu advogado.

—Como explica as atitudes de hostilidade dos outros presos contra v.?

—E' curioso isso, tanto mais que nenhum deles está preso por delações minhas. As culpas, se as têm, encontraram-nas os juizes investigadores, sem verem pelos meus óculos. E' tudo quanto lhe posso dizer.

—O julgamento?

—Encaro-o com a mais absoluta serenidade. Não digo bem. Eu só menti as investigações quando encobri os nomes e as posições de muita gente, que podia ter revelado. Fê-lo-hei no tribunal. Isto é doloroso, como compreende. Mas eu tenho de salvar a honra da minha mulher e dos meus filhos. Então, serei implacável.

—Mas provas?

—Tenho-as todas, documentadas.

—As escalas?

—Deu-mas o Inocêncio Camacho.

—Os contratos?

—Se fossem falsos, eu seria o homem mais estúpido deste mundo, não os tendo destruído, depois de estar senhor das publicações-formas. Bem vê que a autenticidade das assinaturas não mais poderia ser verificada.

—Marang?

—Um homem de negócios a quem o negócio conveio, mais nada.

A primeira scena de um novo acto

Lembram-se os leitores de nós termos dito, quando foi levantada a incomunicabilidade aos presos de maior responsabilidade, que o pano ia subir para mais um acto da grande farça *Angola e Metrópole-Banco de Portugal*?

A entrevista que transcrevemos é a primeira scena desse acto. Estamos convencidos de que Alves Reis levantou apenas uma ponta do vultoso que oculta vultos de grande destaque na vida política e financeira.

A-pesar-de não darmos ao director do Angola e Metrópole a menor parcela de solidariedade moral, porque embora as nossas afirmações e as dele condigam e se harmonizem, pois são a expressão da verdade, elas vão animadas de sentidos diferentes, não deixamos de reconhecer, entretanto, que o preso, neste instante em que sobre a sua cabeça paira uma ameaça de morte, soube destemidamente atacar os seus cúmplices. Simplesmente, Alves Reis, dizendo as verdades que disse, quis apenas defender-se e nós, tendo dito essas mesmas verdades há muito tempo, quisemos desmascarar homens que se ocultam na sua torre de "inocência" e cujos actos demonstram a podridão da sociedade capitalista.

Alves Reis pode ainda dizer muitas verdades. Diz que cessaram as contemplações. Oxalá sempre assim pense, porque ele não tem o direito de sonegar a verdade ao país para salvaguardar a enlameada honestidade de homens cobardes que, não tendo a coragem moral de arruinar com a responsabilidade dos seus crimes, pretendem alijá-la sobre os ombros de meia dúzia.

O povo exige, que se diga tudo. O que Alves Reis disse foi, afinal, uma simples confirmação do que já se sabia por intermédio de *A Batalha*. O povo, porém, quer saber a história completa do caso das notas de quinhentos escudos. E ninguém melhor do que Alves Reis poderá fazê-la.

CRÓNICAS DE VIAGEM

PELAS TERRAS ARDENTES DO EQUADOR AFRICANO

A expressão da cidade e o encanto da paisagem—Em plena floresta já silvam as locomotivas e brilha a electricidade

Ao fundo do vastíssimo golfo da Quíne, em cujo litoral longínquo os olhos se perdem procurando, em vão, restos da remota ocupação portuguesa, pelas costas do Ouro, da Mina, dos Escravos, até Benin—ao fundo deste enorme golfo, que os geógrafos e mareantes classificaram um dos maiores do mundo, erguem-se, em pleno Atlântico, as ilhas de São Tomé e Príncipe que deram o seu nome a esta provincia ultramarina, cortada pela linha do Equador.

Vista de madrugada, à luz indecisa do alvorecer, como a vi de bordo, o navio a contornar de largo as pequeninas enseadas que rendilham a terra, até lançar ferros na entrada do porto, vista assim a ilha pareceu-me uma massa parda, inexplicável, toda envolta numa nevoa pesada e triste. Mas em breve mudou a scenografia, porque o sol rompeu e com as suas garras de ouro logo esfarrapou as nuvens, patenteando-nos uma parte do tesouro que é toda essa paisagem rica e luxuriante que recresce e alteia em azuladas montanhas para além da curva graciosa da baía.

Depois do Funchal, São Tomé é das mais bem lançadas cidades portuguesas que se erguem na costa ocidental da Africa, embora o muito que ainda lhe falta para ser uma capital de primeira ordem; e como colónia agrícola é do melhor que tenho visto, em organização e aproveitamento, embora constitua o mais acabado tipo de exploração capitalista.

O melhor aspecto da cidade vem-lhe do irrepreensível acio, ruas amplas e edifícios bem cuidados, largos e avenidas arborizadas, por aqui e acolá arvoredos frondosos, fresquíssimos toldos onde se entrelaçam as palmeiras com as copas verdejantes dos castanheiros de Fernando Pó, sobreando bonitos jardins de Krotonas em que florescem lírios amarelos e vermelhos, e rosas de elevado já tisnadas pelo sol ardente do Equador.

Logo vista da baía, chamada Ana Chaves, à medida que nos aproximamos, a cidade entra a crescer de pitoresco, com seu porto traçado em curva airoso, e o branco casario como que a estampar-se no branco doce dos mórros verdejantes. Para as bandas do penite, mesmo, à ré do mar, correm os armazéns de largas portadas, por onde transita a riqueza das roças—o café, o coque, o cacau, que depois os navios levam a caminho da Europa—e ali se armazena as malas com peixe seco e sacos com fuba que vem de Angola para alimentar do trabalhador indigena; depois destes armazéns, na mesma direcção, seguem os casebres de madeira dos nativos mais pobres, as cubatas dos pescadores, os pequenos estaleiros onde a gente do mar vai construindo com suas próprias mãos os primitivos "dongos" ou "pirogas" entalhadas nos troncos da amoreira e "ocá", seguindo-se as pequenas roças onde se distinguem as miseráveis senzalas dos "forros", que pouco a pouco se vão perdendo e diluindo nessa paisagem tropical, exuberante, que escala muros e montes, e que hoje

constitue riquíssimas fazendas de agricultores de Portugal.

Ao fundo da baía ergue-se a parte central da cidade, o cais com suas duas pontes, uma para para passageiros outra para mercadorias, onde constantemente chiam guindastes e rolam vagonetes, enchendo e vassando os vastíssimos armazéns da Alfândega—um magnifico edificio de corredores largos como ruas e com salas duma amplitude de praça. Da Alfândega saímos para uma pequenina praça, bem arranjadilha com meia dúzia de arvoredos, outros tantos bancos e coreto ao meio—praça que é uma especie de vestibulo da cidade, com centro de cavaco ao ar livre e ua "cervejaria", e donde partem artérias bem traçadas em que se instalaram os estabelecimentos comerciais quasi todos bem providos e arrumados, recheados de tudo quanto consomem indigenas e europeus, e alguns com certo ar elegante e *chic*, nas vitrinas expozendo sedas da India, lenços do Japão, graciosas chinezices de madeira e marfim, o que lhes empresta bizarro tom de bazar oriental.

E' por estas artérias que, principalmente, corre a seiva que fornece vida e animação à cidade—seiva que vem das roças e que vai para as roças e que através de mil aspectos só tem um objectivo: valorizar o cacau, o desejo duma maior produção de cacau, a necessidade de mão de obra para o cacau, a conveniência da alta do cacau, enfim sempre o cacau, porque o cacau é a vida ou a morte.

Mas a cidade não acaba aqui, na margem norte do "Agua Grande"; atravessamos este rio—em cujas margens as arvoredas aprumam magestosas como umbelae abertas aguardando o imaginário cortejo de qualquer lendário rei do Equador—e para o outro lado, na margem sul, uma outra cidade se desenrola à nossa vista, uma cidade pitoresca, *cidade-film*, onde se ergue o palácio do governo rodeado de jardins.

Mesmo à beira do Oceano, a debruçar-se nas águas, corre uma linda avenida, *avenida da terraço*, chamada Espalmdor, que vai perder-se num batifrosinho afastado, silencioso e ameno, com *chalets* pitorescos e floridos.

Aqui instalaram os estabelecimentos militares e marítimos, a F. S. F., a estação do Caminho de Ferro e residência do mais graduado funcionalismo civil, judicial e militar. Tão silencioso este *bairro-cromo* que parece um jardim fechado onde mal soam as passadas das sentinelas negras, e fica abafado todo o ruído da azafama marítima dos cabineiros e o martelar constante dos estaleiros.

E' por estes sitios, mais adiante na Avenida dos Coqueiros, ou no "Espalmdor", que à noite vêm perder os seus passos, alguns dos portugueses que aqui queimam mocidade e arrazam a vida.

Horas ermas, cruciantes, essas em que o homem amarrando ao seu destino, crucificado na saudade, apaga as suas vilezas no

isolamento triste dos voluntarios destêrros, lançando os olhos para o imenso mar!

Para além dos montes o Sol vai a afogar-se no Oceano, e há incêndios de granada e oiro nos mórros das altas roças, que põem reflexos de purpura, de rubi e sangue na baía azul.

Já descem dos montes os fios de nevoa da noite, e só ficou então, o murmúrio longínquo dos rios e regatos, e a morrer, no ar, o eco languido daquele cântico nostálgico, especial, de ladainha do trabalho, que os negros angolas e quelimanes cantam, marchando em longas filas, dos armazéns para o porto, carregando os sacos sobre o dorso nu.

Na penumbra, sobre as águas da baía, passam muito mansamente, velas confusas ao doce correr da briza, lanchas carregadas que regressam das roças; e já mal se distinguem as recurvadas *silhetas* dos longos que partem para a pesca, e o perfil negro dos seus barbeiros remadores.

Apareceu a lua, há flocos de luar no "Espalmdor" e salpicos de estrelas pelas palmeiras; e muito ao largo, lá muito longe, perde-se dos olhos aquele rastro de fumo dum navio que esta tardinha partiu com destino à metrópole!

São Tomé já conta bons edificios e estabelecimentos, mesmo alguns dignos de menção, se os cotejamos com os de outras colónias.

A casa da Alfândega, construção desafogada, amplas escaletas e muito pé direito, um pouco ao geito pomalino, é um optimo edificio em qualquer parte; a repartição dos Correios, modelar não só na arquitectura como no arranjo impecável e funcionamento de serviços, está num verdadeiro palácio, se a compararmos à miséria das instalações congêneres de Lisboa; a residência do governo, não chegando a ser verdadeiramente luxuosa, embora o seu ar provisório, tem um simpático aspecto, dá a nota colonial, com as suas varandas e janelas de persianas, e possui uma sobria elegancia na decoração interior; o Tribunal, Curadoria, Obras Públicas, dependências militares, estão instalados com decência; e, sobre tudo, há que elogiar o hospital, bem organizado, bem dirigido, dotado de excelentes enfermarias e material moderno, sendo também para aplaudir a existência dum balneario—estabelecimento tão útil, a-pesar-de raro, nas Colónias.

A igreja é pobre e sem estilo, como porbriissima e sem aspecto é a instalação da Câmara Municipal onde existem alguns livros e lápides interessantes, bem como um pequenino museu de produtos da ilha, que seria curioso se o completassem mantendo-o em constante renovação.

A estação inglesa do Cabo Submarino não oferece novidade, é no mesmo tipo das outras colónias, cômoda e prática, com aquela simplicidade inteligente que caracteriza a administração inglesa.

A nossa estação da T. S. F. que, segundo

me informaram, custou bom dinheiro, encontrei a feição, raço de aquele desmazelo que caracteriza a administração portuguesa. Há, realmente, ainda muito que observar nesta ilha onde a paisagem, só por si, vale como capítulo inédito na flora africana. Próximo à cidade ficam logo os bairros indígenas com seus cascos de madeira e senzalas, e o recanto pitoresco do lavadouro do «Agua Grande» onde as lavadeiras negras, de cachimbo na boca, mergulham as pernas nuas; e muito pertinho os passeios à Trindade, à Agua Amoreira, à Madre de Deus, à cascata da «Bla-Bla», tudo por caminhos de benéficas sombras, refrescadas pelos leques verdes das palmeiras e onde, ao alcance dos olhos e das bocas, amadurecem as frutas, o abacate, a banana e o perfumado ananás.

Mas a nota surpreendente, em beleza e nitidez, é dada pelas rochas, fazendas agrícolas em semelhança em Portugal e que causam admiração a qualquer civilizado, estrangeiro ou português, que visite pela primeira vez a ilha. Nas matas virgens, na velha região do «O-hô», por vales profundos onde jorram as cascatas, nos acidentados montes, o homem abriu caminhos, lançou pontes, ergueu belas moradas, edificou jardins, construiu fábricas e oficinas, plantou pomares, transformando uma região inhóspita, que ainda há menos de um século era um condenado montão de ruínas, num dos lugares mais produtivos e pitorescos.

Sob as protectoras sombras do «viro», do «oca», da «jica» e doutros exemplares da secular família da floresta bravia, desabrocham e reflorecescem, numa primavera constante, os cazeiros e os cafezais; e até nos recantos mais alcatilados do sul, onde a paisagem é selvática e dominadora, o silêncio das matas virgens já é quebrado pelo silva estridente das locomotivas que por toda a parte irrompem e serpeiam arrastando as vaguetas com toneladas de cacau e coque até aos pequenos portos de embarque que bordam toda a ilha.

De Moçambique e Angola, já não é apenas o misero escravidão que cava a terra—é já artefacto mercenário, serrilhado, maquinista, pedreiro, capataz, jardineiro, electricista, e aos domingos já passeia, vaidosamente, de guarda-sol, mostrando os seus fatos brancos, à europeia, pelos batucos, ao longo das senzalas.

As roças têm jardins, lagos, portos, caminhos de ferro, luz eléctrica, telefones, água canalizada—algumas, como a «Boa Entrada» e «Rio do Ouro», têm escola e asseio; e quasi todas têm hospitais e residências para serviaes, como não possuem as propriedades industriais e agrícolas da Europa—instalações higrificas e modelares, como encontrei no «Jabubu» e «Agua Izê». Claro que para toda esta obra, fomentada pelo ouro do cacau, concorreu, em abundância, a mão-de-obra do indígena contratado, no tempo em que essa mão-de-obra era facilissima e barata, sem a concorrência e os encargos da actualidade. Mas não foi só a mão-de-obra do negro, porque em todo esse trabalho presidiu e preside a inteligência e iniciativa do branco, tantas vezes tombado para sempre, requemado nas febres dum clima palustre.

O indígena, só por si, a pesar do seu trabalho ser em Africa o maior factor de riqueza, nada faria; e a prova é que nada faz quando vive à vontade nos seus quintais e aldeias, na maioria dos casos sustentando-se da minguada lavoura que produzem as mulheres; o branco, por sua vez, sem a mão-de-obra indígena, por maior que fosse a sua inteligência e o seu capital.

O equilíbrio equitativo desses dois elementos—o indígena—é o maior problema contemporâneo da vida económica colonial. Problema que hoje reveste excepcional importância para o regime vigente; mas que amanhã será igualmente importante—dadas as leis de produção e consumo indispensáveis à vida—qualquer e por mais avançado que seja o regime social.

Angola—1926.

JULIÃO, QUINTINHA

A AGITAÇÃO NA CHINA

e a atitude da Inglaterra

LONDRES, 1.—O sr. Chamberlain, respondendo na Câmara dos Comuns a uma interpelação sobre a guerra civil na China, declarou que o governo britânico não tem intenção de intervir politicamente na situação, por que isso obrigaria ao emprego da força e seria contrário à política inglesa de não intervir nos assuntos internos chineses.

“O” GRAZA!”

O sr. Emanuel Kohn teve nos Paços do Concelho uma conferência com o Comissário Geral da Polícia, sr. Ferreira do Amaral, ficando assente que continuaria sendo permitida a existência de engraxadores ambulantes devendo estes terem a licença da Câmara, trazer o cabelo cortado e pentado, apresentarem-se decentemente vestidos, trazerem as caixas com um número, ocuparem lugares determinados que não prejudiquem os engraxadores das escadas e terem o descanso semanal no mesmo dia dos demais engraxadores.

TEATRO AVENIDA
Hoje não há espectáculo
amanhã o notável
Pão de Ló
EM ENSAIOS:
A MULA RUÇA

TIVOLI
Matinée às 3. Soirée às 8 3/4
Peregrinação portuguesa
a Lourdes e Roma no Ano Santo
Documentário em cinco partes
CHRISTUS
Filme de arte sobre a
VIDA DE CRISTO
AMANHÃ
JOANA D'ARC
Requinta exibição.

O Orfeon Académico de Lisboa

Regido pelo dr. Silva Reis apresentou-se agora, de novo, o Orfeon Académico de Lisboa, que, douras vezes, conquistou gerais simpatias pela correcção com que se apresenta. Primitivamente dirigido pelo maestro Herminio do Nascimento, o Orfeon foi desta vez também aplaudido pelo publico especialmente académico, que antecedeu quasi encheu por completo o vasto Coliseu dos Recreios.

E se exceptuarmos a execução do «Tannhäuser» que menos nos agradou, pode-se dizer que o programa, cumprido rigorosamente, foi com bella afinação executado, devendo mencionar-se especialmente a «Canção dos marinheiros» de Herminio do Nascimento, os «Remidos» de Alfredo Keil e o «26.ª Pereira» de Armando Lega.

Como cantadores à guitarra, pouco ha que mencionar, somente o primeiro estudante, cujo nome nos não ocorre, cantou com certo sentimento.

Os guitarristas sim: embora em generos diferentes, ambos, Carlos Viana e Aldemiro Cesar, mereceram as palmas que lhes deram.

Sem sabr o intermédio cómico «As couves», parodia à canção das Rosas, Acha-mos deprimente para a mocidade que estuda esta exhibição.

Nogueira de BRITO

FESTAS ASSOCIATIVAS

Academia Almadense

Têm decorrido muito animadas as festas do 31.º aniversário da Academia Almadense, apresentando-se a banda pela primeira vez com quarenta e dois executantes. No acto da sessão solene foram ofertados por uma comissão de senhoras alguns valiosos instrumentos. No próximo domingo, pelas 16 horas, realiza a banda da Academia, sob a regência do seu professor Leonel D. Ferreira, o seguinte programma:

Espanha. Canli, passe dobre; R. Masquina; Riem, protafonia da ópera; R. Wagner; Páginas dispersas (minuto) n.º 2 da suite; F. Fio; Aida, selecção da ópera; G. Verdi; Cantos populares do Alemtejo, rapadões; S. Morais; France, suite; Briot; National Emblem, marcha; E. Bagley.

Contra a tentativa de extradição

da Paulo da Silva

A comissão administrativa da Federação da Construção Civil, na sua última reunião, resolveu acompanhar o movimento de protesto que o operariado português e muito especialmente a classe operária de França vêm desenvolvendo para impedir que Paulo da Silva, militante sindicalista das classes marítimas, refugiado em França, e acusado dum delito social, seja entregue às autoridades portuguesas.

Neste sentido, vai ser enviado um officio ao ministro da França em Lisboa.

Um coronel alucinado

LONDRES, 1.—O coronel Etheron publicou um artigo, dizendo que uma frota aerea inimiga, partindo do continente europeu, em menos de quatro horas poderia bombardear Londres. O mesmo militar faz salientar que os aparelhos de bombardeamento atingem hoje uma velocidade de 300 milhas a hora e uma altura de 35 a 45.000 pés e uma velocidade ascensional de 1.500 pés por minuto, ao mesmo que a sua velocidade, quando imersos, atinge 800 milhas a hora; superior, pois, à velocidade do som.—H

Encomendas postais

O serviço de entrega de encomendas procedentes do Continente e Ilhas, far-se-há no domingo de Páscoa com o mesmo horário dos dias úteis, isto é, das 10.30 às 18 horas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

A. de S. M. dos Carpinteiros de Branco do Arsenal de Marinha.—Reuniu a assembleia geral, aprovando o relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal. Pelo relatório da direcção a assembleia tomou conhecimento de que a receita do ano findo foi de 13.661.777 e a despesa de 10.328.804, havendo um saldo de 3.332.973 que, junto ao saldo do ano anterior, perfaz a importância de 11.956.835.

Inquinatão

Consultas gratuitas sobre inquinatão, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encomenda-se de depósitos na Caixa Geral, cobrança de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de Hipotheca e Hipothecaria na Rua do Carmo, n.º 43, 3.º, frente.

ESPERANTO

Nova Vojo (Sociedade Esperantista Operária).—Reúne hoje o Curso Prático pedindo-se a comparecência de todos os alunos, tanto do actual curso elemental como dos antigos. O Curso Prático ficará funcionando regularmente às sextas-feiras.

TEATRO MARIA VITORIA
AMANHÃ
Duas sessões — A'S 8 1/2 E 10 1/2
A MELHOR DE TODAS AS REVISTAS
FOOT-BALL
com todas as suas novidades
e sensacionais atractivos
Estreia da notável troupe
de Girls
ROBERTON'S GIRLS
directamente contratadas
em Inglaterra para este teatro
Hoje não há espectáculo
devido à solenidade do dia

TEATRO MARIA VITORIA
AMANHÃ
Duas sessões — A'S 8 1/2 E 10 1/2
A MELHOR DE TODAS AS REVISTAS
FOOT-BALL
com todas as suas novidades
e sensacionais atractivos
Estreia da notável troupe
de Girls
ROBERTON'S GIRLS
directamente contratadas
em Inglaterra para este teatro
Hoje não há espectáculo
devido à solenidade do dia

Semana laica

Promovidas pela Associação do Registo Civil realizam-se na presente semana as seguintes sessões e conferencias de Livre Pensamento:

Hoje, no Centro Republicano Dr. José Domingues dos Santos, pelos srs. drs. José Domingues dos Santos, Alfredo Nordeste e capitão Pina de Moraes.

Amãhã, no Centro Republicano de Campo de Ourique, pelos srs. drs. Jaime Gouveia, José de Macedo e Artur Moreira Liberal.

Na Associação do Registo Civil, sessão de encerramento pelos srs. drs. Albino Vieira da Rocha, Orlando Margal, Agostinho Fortes, capitão Camilo de Oliveira e Joaquim Maria Lopes Domingues.

Sociedade das Nações

mussulmanas?

LONDRES, 1.—O correspondente do Daily News no Cairo declara que a Sociedade das Nações de Genebra vai ter uma rival em Meca, uma Sociedade que englobará todos os aglomerados musulmanos do mundo. O comité califal da Universidade de El-Azhar decidiu a convocação para maio dum congresso que elegera o novo califa. Esse comité é bastante religioso, mas a presença em Meca de um conselho permanente exerceria uma influencia politica muito susceptível de inquietar as potências que têm dominios no Oriente. O Daily News, comentando esta informação, faz notar que como provável que os turcos tomem a direcção do movimento, se é que eles não são os seus promotores.—(H)

Cuidado com os intrusões!

Já há tempos A Batalha poz o operariado de todo o país de sobreaviso contra um tal Joaquim Caetano dos Santos que, dizendo-se perseguido, explora a boa fé dos camaradas (que, julgando praticar um acto de solidariedade, apenas ajudam um intruso a viver).

Sabedores de que Joaquim Caetano dos Santos se encontra presentemente no Algarve, relembramos ao operariado o nosso aviso.

DENTES ARTIFICIAIS

a 2500. Extracções sem dor a 1500. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 2000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

'A Batalha' na provincia

e arradores

Vila Nova de Gaia

A exploração odiosa exercida

pelos industriais corticeiros

VILA NOVA DE GAIA, 31.—Dissemos

na nossa última carta que a crise de trabalho na indústria corticeira, tem sido motivada pela inconsciência e ganância dos industriais. Assim é, de facto.

Os leitores devem recordar-se do que A Batalha disse sobre o industrial Calheiros, explorador-mor na localidade. Pois este, como a maioria dos industriais, desconhece absolutamente a industria.

Quem era, por exemplo, Calisto Gonçalves? Este homem não conhecia absolutamente nada da industria corticeira. E como conseguiu ele uma fortuna? Na exploração aos operários e no emprego de expedientes mesquinhos e sujos.

Os industriais são quem provoca a crise de trabalho, uns porque pretendem reduzir aos já míseros salários, e outros porque não ganhando quanto desejam fecham as portas das fábricas para digerirem em sossego o sangue que já chuparam aos pobres operários que agora se vêem na mais dura miséria.

As insidias duma folha socialista

Não podem gabar-se os senhores da Luz do Operário porque usando de processos insidiosos não fazem mais do que perder algum bocado de consideração que ainda possam ter por eles. Não foi só a classe telegrapho-postal que foi atingida no paquim socialista; a classe ferroviária, especialmente o pessoal das oficinas, também foi exovallada, sem que para tal houvesse motivos.

Diz o jornalco que os autores dos roubos na estação de Gaia são ferroviários, salientando-se que os furtos de milho são praticados especialmente pelo pessoal das oficinas.

Os camaradas ferroviários encontram-se muito indignados com as acusações insidiosas feitas no referido paquim, pois que não tendo participação em tais roubos se sentem vexados, pelo que vão pedir contas aos seus caluniadores.—C

Um achado

A' disposição de Manuel dos Santos Ferreira, do Sindicato dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, encontra-se na nossa redacção uma caderneta confidencial que lhe pertence.

Em virtude de se ter agravado o estado da illustre actriz ESTER LEÃO só para a semana poderá ser levada a scena deste teatro a peça de CHARLES MERÉ
A Dança da Meia Noite

HOJE — Não há espectáculo — HOJE
No Teatro do Gimnásio
AMANHÃ PENULTIMO ESPECTACULO COM
Banca à glória
Segunda-feira, 5, festa artistica de SILVESTRE ALEGRI
com o «vaudeville» **“O A Z”**

Um protesto da colónia portuguesa em São Paulo

Ontem à noite recebemos o seguinte cabograma:

«RIO DE JANEIRO, 31.—O Centro Republicano de São Paulo transmitiu 25 telegramas ao presidente da república, dr. Bernardino Machado.

A colónia portuguesa devia reunir no passado domingo para protestar colectivamente contra a permanência do cônsul Magalhães. A' última hora a reunião foi proibida pelas autoridades locais a pedido da embaixada portuguesa. Obedecemos. No entanto não deixaremos de continuar com a nossa campanha moralizadora.

Por intermédio de A Batalha protestamos contra o acto das nossas autoridades e insistimos pela punição do cônsul referido, em nome da moralidade de Portugal. —O Centro Republicano de S. Paulo.

AGREMIACÕES VARIAS

Centro Republicano Radical 19 de Outubro.—Em homenagem aos vencidos de Almada, realizam-se na sede deste Centro, rua do Socorro, 11, C, 2.º, grandiosas festas com o seguinte programma: Hoje, sessão solene, às 21 horas; amãhã, às 21 h, baile, tómbola e quermesse que será abrihantada por um grupo musical; domingo, às 14 horas, conferencia pelo dr. Veiga Simões.

No dia 9 do corrente, às 21 horas, realiza-se neste Centro uma sessão solene em homenagem aos combatentes da Flandres. **Junção Humanitária da Freguesia da Sé.**—Realiza-se nos dias 4 e 5 do corrente a venda da flor, levada a efeito por uma comissão de senhoras, revertendo o produto para o cofre desta instituição.

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo...	\$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lefort...	\$50
O que é ser socialista, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha...	\$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva...	\$100
Cartas politicas, por João Chahals, diversos números, cada exemplar...	\$100
A Humanidade, por Taraj Javol...	\$150
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin...	\$200
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchoter...	\$200
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª serie...	\$250
O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva...	\$250
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbos...	\$300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Corria...	\$350
A Filologia perante a História, por Nobre França...	\$500

OS QUE MORREM

Faleceu o pai do operário impressor José Luis de Aguiar Júnior. O seu funeral realiza-se hoje, às 15 horas, saindo da rua da Horta Seca, 4, 1.º do chão, para o cemitério do Alto de São João.

Maria Georgina

Faleceu ontem Maria Georgina, companheira de João Miraltes, operário marceiro. O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, saindo do largo do Calhau (São Domingos de Benfica) para o cemitério de Benfica.

A morte da actriz Maria Alves

No Instituto de Medicina Legal, realizou-se ontem, sob a presidência do juiz auxiliar dr. Alfeu da Cruz, escrivão José Vasques, servindo de peritos os srs. Correia da Silva, Teixeira Bastos e Xavier da Silva, a autópsia da actriz Maria Alves, não tendo ontem ainda ficado concluido o respectivo relatório.

A'quele Instituto foram alguns representantes da A. T. T. e vários actores, informarem-se da hora do funeral da infeliz artista, o qual se não encontra marcado, por no Instituto de Medicina Legal ainda não se ter apresentado pessoa alguma para tratar do respectivo enterramento, que, segundo os regulamentos daquelle estabelecimento, se deve realizar hoje.

Coliseu dos Recreios

HOJE às 20,30 HOJE

Ultimas exhibições do monumental film bíblico

VIDA DE CRISTO

A mais emocionante evocação da tragédia do Golphatha
PREÇOS—Gral, 2503; fauteuils, 5500; Camarotes, 20500

Amãhã: estreia do célebre ilusionista **RAYMOND**
PREÇOS POPULARES

Teatro Nacional
AMANHÃ — A deliciada comédia — AMANHÃ
AMOR VENCE
O protagonista da linda comédia, por especial deferencia para com a imprensa e com o seu professor sr. Antonio Pinheiro, será desempenhada pelo sr. D. LEONOR DE ALMEIDA

HOJE — Não há espectáculo — HOJE
No Teatro do Gimnásio
AMANHÃ PENULTIMO ESPECTACULO COM
Banca à glória
Segunda-feira, 5, festa artistica de SILVESTRE ALEGRI
com o «vaudeville» **“O A Z”**

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

«Dança da Meia Noite»

Em virtude de se ter agravado o estado da illustre actriz Ester Leão, só para a próxima semana poderá ser levada a scena, no Nacional, a peça de Charles Meré—«A Dança da Meia Noite».

Amãhã, representar-se há a linda comédia «Amor Vence» que fôr retirada de scena em pleno exito e que, por extraordinária deferencia para com a empresa, a sr.ª D. Leonor de Almeida, dilecta discipula do professor Antonio Pinheiro, interpretará o encantador papel da Nelly, criado com tanto brilho por Ester Leão.

«Roma Galante», no São Luis

Está nomeada para a próxima semana, no São Luis, a primeira representação da celebre opereta burlesca viennese, «Roma Galante», cuja accção decorre na antiga Roma, sendo a partitura do conhecido maestro Jean Gilbert, autor da musica da «Casta Suzana», e tendo-se encarregado da protagonista a illustre actriz Ausenda de Oliveira, que terá, a seu lado, nos primeiros papeis, Sofia Santos, Vasco Santana, Carlos Viana, o tenor Fernando Pereira, e mais as actrices Maria Alvarez e Judith Marques.

A reabertura de Joaquim de Almeida

A reabertura de Joaquim de Almeida, no Rato, marcada para amãhã, com a revista em sessões, a preços populares, «Fox-Trot», desempenhada por uma excelente companhia do genero, ficou marcada para a próxima semana, podendo, deste modo, o publico adquirir a certeza de que vai ter mais uma casa de espectáculos muito do seu agrado e uma peça brilhante pelo desempenho e pela montagem. O secretario da empresa, Antonio Vasques, é o representante junto da Empresa, da Parceria Teatral, Limitada que se incumbiu de pôr em scena o «Fox-Trot» com todos os requisitos.

O último concerto Gui

Continua aberta hoje e amãhã a bilheteira do teatro de S. Carlos para a venda de bilhetes para o ultimo concerto do maestro italiano Vittorio Gui. A noite de amãhã vai ser uma autentica noite de arte, pois que, podemos affirmar-lo, nunca se executou um programma musical tão cheio de interesse e de novidade como o que ali vai ser executado. Três das peças musicais que estão incluídas no programma dão a sua primeira audição em Portugal. Há grande ansiedade por este concerto, havendo muita procura de bilhetes.

Noticias

Domingo de Páscoa, às 14,30 horas, realiza-se no Apolo a ultima «matinée» com «O Mártir do Calvário», que tem ali dado enormes enches nas suas récitas diurnas e nocturnas.

Está despertando uma grande curiosidade a brilhantissima interpretação que, por certo, dará a illustre actriz Palmira Bastos ao papel de «Chouquette», de «O Aze», que vai interpretar pela primeira vez, no Gimnásio, na proxima segunda-feira, na festa artistica do popular actor Silvestre Alegriem. Nessa peça entram, também de novo, o actor Henrique de Albuquerque e a actriz Antonia Mendes, além doutros artistas, pelo que haverá numerosos confrontos a fazer.

Vai ser de encheite a noite de quarta-feira, no Gimnásio, na recita de Pereira Botelho, o camaroteiro do Gimnásio. Lá não deixarão de reunir-se os seus numerosos amigos, para o felicitar, e também para apreciar o belo espectáculo que ele conseguiu obter, e que consta duma lindissima comédia, que a actual companhia daquelle teatro ainda não representou.

Réclames

A partir de amãhã, em que se estreia no teatro da Trindade a companhia Lucilla Simões, o publico de Lisboa começa a ter teatro do melhor que existe em todo o mundo por preços accessíveis a todas as bolsas por mais modestas que sejam. Só Erico Braga conseguira como seu «savour-faire» de empresário moderno, inteligente e arrojado obter esse «desideratum», que, no nosso meio teatral, quasi assumia foros de pedra filosofal, tão intrinca e difficil parecia a resolução do problema.

No Coliseu dos Recreios, onde ontem se exhibiu pela primeira vez com um extraordinário exito, repete-se hoje o grandioso film bíblico «Vida de Cristo», obra monumental e cheia de beleza que, evocando uma das mais interessantes épocas da história da humanidade, reproduz os principais episódios da vida de Jesus, desde o seu nascimento à sua paixão e morte.

E' amãhã que se estreia no Coliseu dos Recreios o mais célebre ilusionista do mundo, o grande Raymond, que há anos fez as delicias de Lisboa e que traz agora um sensacional repertório das mais encantadoras «ilusões», montadas com grande deslumbramento e riqueza. Raymond, que traz consigo uma companhia completa, fará uma curta serie de espectáculos a preços populares.

Hoje há novamente dois espectáculos no Apolo, um em «matinée», às 14,30 horas, o 2.º espectáculo às 21 h da noite, ambos com «O Mártir do Calvário», que tem ali dado duas enches colossais ao popular teatro, excolando-se-lhe a lotação.

—Repárese amãhã, no Gimnásio, onde dará 50 mais duas únicas representações, nesta sua 1.ª serie, levada a effecto com o maior brilhantismo, a graciosissima comédia «Banca à Glória», que tão extraordinária concorrência tem atraído ao lindo teatro.

—Hoje não há espectáculo no Maria Vitoria, mas amãhã, nas duas sessões, já a famosa revista «Foot-Ball» apresenta uma novidade de sensação, a da estreia das «Six Robertson's Girls», gentilissimas artistas inglesas que executam um repertório vasto e lindissimo de originaes e característicos baillados e canções. A revista «Foot-Ball» repete-se-há, integralmente, com todos os números e atracções que a tem ampliado com geral e entusiástico agrado do publico.

—Hoje não há espectáculo no Avenida, mas amãhã reaparece o fulgurante «Pão de Ló», que vai triunfantemente a caminho do seu bi-centenário.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Pedro Gomes» são hoje expedidas malas postais para a Madeira e Africa Occidental, sendo da Caixa Geral a ultima tiragem de correspondência ordinária às 12 horas e para as registadas recebem-se até às 10 horas.

Por este paquete também seguem malas do correio por via Funchal, para a Africa Austral, Cap-Town, Elisabeth e Africa Oriental.

DESPORTOS

FUTEBOL

O Vitória venceu numa exhibição brilhante o «Casuals» por 2-0

Nesta quadra da Páscoa é hábito a visita de grupos estrangeiros que a convite dos principais clubes de Lisboa proporcionam a «aficion» da capital ensejo de apreciar boa técnica em futebol.

Mais felizes umas vezes, não obedecendo ao reclame feito, noutras, entretanto Lisboa satisfaz-se por ter visto pelos seus campos de jogos, boas «equipes», dos melhores clubes mundiais, praticando o verdadeiro «association», trazendo aos nossos grupos ensinamentos, que de algum modo têm influido para o aperfeiçoamento da sua técnica, até então muito primitiva e rude.

Hoje joga-se muito menos em força. O sistema do passe curto entre os médios e o trio central do ataque, alternando com os largos lançamentos feitos aos extremos, torna mais brilhante e emotiva a exhibição dos melhores «onzes» portugueses.

Residia na perfeição dessa tactica, observada pelo Vitória ontem muito intelligentemente na primeira parte, a razão do seu triunfo sobre o «team» inglês.

Habitualmente a ver ganhar sempre o grupo visitante, nas suas primeiras exhibições, conclue-se quando sucede o contrario, que o «onze» estrangeiro saiu derrotado porque é muito inferior ao grupo português seu adversario.

Já é tempo de se fazer justiça, convençendo-nos de que o nosso futebol melhorou muito em qualidade e que alguns clubes, como o Vitória, já não são hoje bati-dos facilmente por qualquer grupo que nos visite, desde que a sua classe não seja sensivelmente muito superior, ou uma má tarde em que a chance, grande factor do jogo, não lhes seja adversa.

O Vitória apresentou-se em campo com a sua linha habitual, dando-nos de novo uma modificação nos calções da equipe. Deixaram de ser brancos para passarem a verdes; um verde esmeralda gritante, que fere a vista e que dá aos jogadores o aspecto, quando em luta, de bailarinas orientais...

MARCO POSTAL

Pórtio.—Associação dos Calceiros.—
Recebemos 9550. Os números do jornal
que dizem ter faltado não é culpa desta
administração mas sim do correio. Não
houve nenhuma interrupção.

AGENDA

CALENDÁRIO DE MARÇO

D.	11	16	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 6,21
T.	13	20	27	Desaparece às 19
Q.	14	21	28	FASE DA LUN
Q.	15	22	29	1. C. dia 25 às 0,47
S.	16	23	30	Q.M. 5 20-26
S.	17	24		L.N. 12 12-26
				C.C. 19 23-25

MARES DE HOJE

Fraamar às 5,16 e às 5,33
Enxamar às 10,46 e às 10,03

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94575	94575
Madrid, cheque	2576	
Paris, cheque	569	
Suiza, cheque	376,5	
Bruxelas, cheque	574	
New-York, cheque	19555	
Amsterdão, cheque	7584	
Háia, cheque	579	
Brasil, cheque	2885	
Praga, cheque	558,5	
Suécia, cheque	5825	
Austria, cheque	2576	
Berlim, cheque	4266	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Fig. 10.—A's 21,15—O Mar de Calvário.
A's 14,30—Mauve.
Calvário dos Recreios.—A's 20,30.—Animatógrafo.
Fado 303.—A's 9,15—Variedades.
Cinema (L.Vicente (3 Graças)—Espectáculos às 3,15
e 5,15, sábados e domingos com amateiros.
Festas de Paris.—Todas as noites. Concoctos e di-
versões.

CINEMAS

Tivoli.—Olympia.—Central.—Condes.—Chato Ter-
rence.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança
—Tertice.—Cine Paris.



Nova baixa de preços

2 \$00 em quilo de manteiga
Compre o nosso tipo reclame a

14\$00 o quilo

Manteigaria Silva

301—R. dos Correios—301

Companhia Geral de Crédito

Predial Portuguez

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL Esc. 9.000.000\$00

Rua Augusta, 235—LISBOA

A começar em 30 do corrente será efec-
tuado, em todos os dias úteis, das 10 às 12
horas e das 13 às 15 horas, e aos sábados
das 10 às 13 horas, na sede, na Dele-
gação do Pórtio e pelos correspondentes nas
capitais dos distritos, o pagamento do com-
plemento de 21 1/2 % do dividendo de 1925,
cabendo a cada acção averbada, líquido, 4514
e a cada acção ao portador, líquido 4510.
Lisboa, 29 de Março de 1926.

O GOVERNADOR

FATOS completos e sobretudo

em bom cheviote, com bons
forros e bom acabamento,
para homem, desde
129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobre-
tudos, feitos e por medida

Abalimentos para revenda

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando
Narciso—A's 5 horas.
Ginecologia, operações—Dr. Bernardo Vilar-
—A's 5 horas.
Ginecologia, operações—Dr. Miguel Magalhães
—A's 5 horas.
Feto e sítio—Dr. Correia-Figueiredo—11 e
12 horas.
Doenças nervosas, claudicação—Dr. R.
Loff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos
—A's 5 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oti-
ver—12 horas.
Estomatologia—Dr. Mendes Bal-
—A's 5 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva
—A's 5 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Massad-
—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Costa
—A's 5 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—11 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral da Melo—1
horas.
Kisto X—Dr. Azeite Saldanha—4 horas.
Análises—Dr. Gabriel Beato—1 hora.

REBUÇADOS PEITORAIS

Dr. Centazzi

Os melhores para a tosse,
catarrhos e bronquites.

Livres de essências artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para
evitar misturas de outros rebuçados,
com o papel imitando o nosso.

A ÚLTIMA HORA

Acabam de chegar ao DEPÓSITO

DA COVILHA

Rossio, 93, 1.º—Lisboa

GRANDES remessas de peças de ricos estam-
bres meclados, pretos e azuis para FATOS e SO-
BRETUDOS e ricas casimiras de fantasia.
Boas saias, calças e vestidos para senhoras.
Vendas directas da fábrica ao público.
Tem já feitos e fazem-se por medida fatos, sobre-
tudos e abalos para senhora com a máxima perfeição
e rapidez.
Manda amostras para a provincia e ao domicilio.
Tem alluete, não confundir o Depósito da Covilha
e não

Rossio, 93, 1.º—LISBOA

Telefone Norte 4663

ACABARAM-SE AS BARATAS

FORMIGAS E OUTROS INSECTOS

USANDO O PÓ INSECTICIDA

«AGUIA»

A' venda em todas as drogarias

Deposítários: CARLOS DE OLIVEIRA, Lda

Rua Pascoal de Melo, 83-85

ESPELHOS

Aos melhores preços

Aven. Almirante Reis, 24-A

TELEF. N. 4060

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA

Telefone C. 2830

VIANA, REIS & NUNES, Lda

Sortido completo
em ferramentas para
carpinteiros, marceneiros,
serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS,
ENGENHOS DE FURAR,
LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33—LISBOA

ALFAIATARIA
DE
ANTÓNIO MENDES SOUSA

Fatos para homens e senhoras. — Fazendas nacionais e estrangeiras
FARDAMENTOS PARA O EXERCÍLIO E MARINHA
Todos os nossos trabalhos são executados com a máxima perfeição e esmaltado acabamento
PREÇOS DE CONCORRÊNCIA

Rua dos Douradores, 202, s/l.º

SALVADOR BARATA, Lda

Fabricantes dos Alvaiaes marca «GAIVOTA» e únicos depositários do
«PÓ RODRIGUES»
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS,
BARATAS, FORMIGAS, etc.
Ilhas—JOSÉ GOES FERREIRA
FUNCHAL

Rua dos Olivais N.º 19—Lisboa
TELEFONE T. 549

Baixa de Preços

Calçado, fatos, fazendas, chapéus, mobi-
lias, relógios e novidades de verão, só na
acreditada casa de vendas
A PRESTAÇÕES, sem fiador
Rua António Pedro, 52

Alfaiataria do Carmo

David da Costa Relvas

Calçada do Carmo, 50—LISBOA

Fatos e Sobretudos para homens e senho-
ras, de boas fazendas e a preços baratíssi-
mos. Fazem-se com perfeição e elegancia.
Aceitam-se fatos a feito.

CONSELHO TECNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de
todos os trabalhos que digam res-
peito a sua industria, tais como:
edificações, reparações, limpe-
sas, construção de fornos em to-
dos os géneros, jazigos em todos
os géneros, fogões de sala, xa-
drões, frentes para estabelecimentos
e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as prove-
niências.

Telefone—539 Trindade

Escritório:
Calçada do Combra, 38-R. 2.º

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 23 desta revista
intitulada «Amor e sacrifício», de So-
leno. Palácio. — Preço, \$50. — Pedidos à
administração de A Batalha.

Suplemento semanal ilustrado
de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano
deste interessante semanário, devidamente
encadernado, numa ótima capa em perca-
lina ilustrada a cores, por Alonso, con-
tendo um indispensável índice dos variados
assuntos de ordem doutrinária, literá-
ria e artística.
O seu preço é 1 volume com 420
páginas, 45\$00.
Encadernação (por capas e índice),
20\$00.
Capas e índice em separado, 15\$00
Pedidos de coleções, ou envio destas
para encadernação, à administração de A
Batalha.

«A BATALHA» no Funchal vende-se
No Bureau da La
Presse.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba
de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7
de Maio de 1919 e respectivo regulamento
publicado no Diário do Governo de 20 de
Maio sobre o horário de trabalho, sendo
o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir
quantidade far-se-á um abatimento de 50
por cento em pacotes de 50 folhetos.
Pedidos à administração de A BA-
TALHA.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS
PLANTAS, livro útil às boas donas de
casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.
Pedidos à administração de A Batalha.

O Sindicalismo Revolucionário e a
Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um
dos maiores oradores da Alemanha, mem-
bro da A. L. T. Folheto com 32 páginas,
com um esboço biográfico do autor. Preço
1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkonof. Preço 1\$50.

Livraria de A BATALHA

OBRA DE LITERATURA, CIÊN- CIA E ENSINO	
Abel Betelho—Amanhã.....	16\$00
Alexandre Hercolano Lendas e Narrativas (2 volumes).....	20\$00
Cartas (2 volumes).....	20\$00
Adolfo Lima Contracto do Trabalho.....	10\$00
Educação e ensino.....	5\$00
Aquino Ribeiro Anatôlia France.....	3\$00
Estrada de São Tiago.....	10\$00
Jardim das Tormentas.....	10\$00
Via Sinuosa.....	10\$00
As Filhas da Babilônia.....	10\$00
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Folhas).....	10\$00
Bento Faria.—Missa nova (teatro em verso).....	1\$00
Binet-Sanglé.—A loucura de Jesus.....	5\$00
Charles Darwin.—Origem das espe- cies.....	14\$00
Campes. Lima O Estado e a evolução do Direito.....	12\$00
O Amor e a Vida.....	5\$00
Ceia dos Pobres.....	2\$00
A Revolução em Portugal.....	6\$00
Buckner.—O homem segundo a ciência.....	12\$00
Quarte-Lopes Frei Sangué.....	5\$00
Eça de Queiroz O crime do Padre Amaro.....	18\$00
O Primo Basílio.....	16\$00
O Mandarim.....	8\$00
Os Maias (2 vol.).....	28\$00
A Religião.....	15\$00
A Cidade e as Serras.....	12\$00
Frade Mendes.....	9\$00
Gaia Ramires.....	15\$00
Prosas Bárbaras.....	9\$00
Êcos de Paris.....	9\$00
Cartas Familiares.....	9\$00
Cartas de Inglaterra.....	9\$00
Minas de Solimão.....	9\$00
Notas Contemporâneas.....	15\$00
Últimas páginas.....	15\$00
Ernesto Haackel História da Criação.....	20\$00
Origem do Homem.....	5\$00
Os enigmas do Universo.....	14\$00
Monismo.....	4\$00
Religião e evolução.....	4\$00
Faguet Iniciação filosófica.....	5\$00
Iniciação literária.....	10\$00
Faria de Vasconcelos Problemas escolares.....	5\$00
Por terras de além mar.....	5\$00
Ferreira de Castro Sangue Negro.....	2\$50
Sensação de Lirismo e de Amor.....	8\$00
F. Castro e E. Frias.—A Boca da Es- tinge.....	8\$00
Flamarion Iniciação astronómica.....	6\$00
Contos de luar.....	5\$00
Como acabar o mundo?.....	7\$00
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00
Felix de Dantes.—As influências an- cestrais.....	10\$00
Ateísmo.....	6\$00
Filha de Almeida Lisboa Galante.....	10\$00
Estâncias de Arte e Syndade.....	9\$00
Figuras de destaque.....	9\$00
Actores e Autores.....	9\$00
Contos.....	9\$00
A Esquina.....	9\$00
Aves Migradoras.....	9\$00
Barbier, Pentear.....	9\$00
Cidade do Vício.....	9\$00
Pasquinadas.....	10\$00
Paisadas Úrsas.....	9\$00
Sabismos quânticos.....	9\$00
Vida errante.....	9\$00
Vida íronica.....	9\$00
Guerra Junqueiro A morte de D. João.....	10\$00
Musa em férias.....	9\$00
Os Simples.....	7\$00
A velhice do Padre Eterno (En- cadernação de luxo).....	14\$00
Brochado.....	10\$00
Gorki Os Degenerados.....	5\$00
Os vagabundos.....	5\$00
Ni Prisão.....	2\$50
Jaime Cortezas.—Adão e Eva (tea- tro).....	5\$00
Jorge Teixeira.—Gatinhos de Luva Branca.—A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50
Juliza Quintinha Vinhos do Mar.....	8\$00
Cavaleiro do Sonho.....	8\$00
Terras de Fogo.....	8\$00
Maivert.—Ciência e Religião.....	10\$00
Nogueira de Brito I.—Memórias de Angela Pinto.....	15\$00
Plasani.—Iniciação matemática.....	5\$00
Oliveira Martins Helenismo e a Civilização Cristã.....	15\$00
História da Civilização Ibérica.....	15\$00
História da República Romana (2 volumes).....	30\$00
História de Portugal (2 vol.).....	30\$00
Recessos Humanos (2 vol.).....	30\$00
O Brasil e as Colónias Portuguezas.....	15\$00
Cartas Penitenciares.....	15\$00
Sistema dos meios e ficções religio- sas.....	15\$00
Orlando Marçal Águas claras.....	6\$00
Imagens de Sonho.....	1\$00
Spencer Da Educação (broc. 5\$00) encad.....	8\$50
Raul Bandão Os pescadores.....	10\$00
Os Pobres.....	10\$00
O Teatro.....	8\$00
Victor Hugo França e Belgica.....	20\$00
O Reno (2 vol.).....	12\$00
Os Miseráveis (2 grossos vol.) illus- trados, encadernados.....	40\$00
Zola A Taberna.....	12\$00
Terça Raquie.....	6\$00
Alegria de viver (2 vol.).....	10\$00
A conquista de Plassans, (2 vol.).....	10\$00
Fecundidade.....	20\$00
A fortuna dos Rougons, (2 vol.).....	10\$00
Uma página de amor.....	9\$00
Dr. Pascal.....	10\$00
Zargame—origem da vida.....	7\$00
PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS Organização Social Sindicalista Antonelli.—A Rússia bolchevista.....	3\$00
Sr. Alberti.—O amor livre.....	2\$00
Dufour.—O sindicalismo e a proxi- ma revolução (2 volumes).....	10\$00
Emilio Bossi.—Cristo nunca existiu.....	6\$00
Geo. Williams.—Relatório dos dele- gados do I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscovo.....	1\$00
Gladiator.—A questão social do Bra- sil.....	1\$50
Gustavo le Bon As primeiras consequências da guerra.....	8\$00
Ensaios psicológicos da guerra europeia.....	8\$00
Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.).....	6\$00
Guyau.—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção.....	5\$00
Educação e Hereditariedade.....	4\$00
Hamon A conferência da paz e a sua obra As lições da guerra mundial.....	5\$00
O movimento operário da Gran- Bretanha.....	5\$00
Psicologia do socialismo-anarquista A crise do Socialismo.....	5\$00
Henrique Leone.—O Sindicalismo.....	4\$00
Heliodoro Salgado O culto da Imaculada.....	10\$00
Jean Grave A sociedade Futura.....	5\$00
Anarquia, fins e meios.....	10\$00
O indivíduo e a sociedade.....	5\$00
Joseph J. Ettor.—Uniãoismo indus- trial.....	5\$00
Julio Guesde.—A lei dos salários.....	5\$00
Justus Ebert.—Os I. W. W. na teo- ria e na prática.....	3\$00
Krapotkin A sociedade.....	5\$00
Anarquia, sua filosofia e seu ideal A Grande Revolução (2 vol.).....	12\$00
A moral anarquista.....	5\$00
Os bastidores da Guerra.....	5\$00
O Estado e o seu papel histórico.....	1\$50
Lazare.—A Liberdade.....	5\$00
N. Léning.—Os problemas do poder Landauer.—A Social Democracia na Alemanha.....	5\$00
Manuel Ribeiro.—Na linha de fogo.....	3\$00
Marx.—O Capital.....	4\$00
Melchior Inchofer.—Monarquia jesui- tica.....	3\$00
Nietzsche Anti-Cristo.....	5\$00
Genealogia da moral.....	5\$00
Neno Vasco.—Ao Trabalhador Rural —Georgicas.....	3\$50
Concepção Anarquista do Sindica- lismo.....	3\$00
A greve dos inquilinos.....	1\$00
Novikov.—A emancipação da mu- lier.....	4\$00
Patut e Pouget.—Como faremos a revolução.....	4\$00
Perfeito de Garvalho.—Notas e co- mentários.....	1\$50
Sebastião Faure.—Doze provas da inexistência de Deus.....	1\$50
Tomás da Fonseca.—Sermões da Montanha.....	12\$00
Tolstói.—Sonata de Kreutzer.....	5\$00
Toulouse.—Como se deve educar o espírito.....	4\$00

2-4-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

—Vós sois o padre Lefèvre, da companhia de Je-
sus?...

—O nosso santo padre e o rei de Espanha en-
carregaram-vos duma missão junto a mim? Falai, que
eu vos escuto.

—Senhora, o padre santo e Sua Magestade Filipe
II estão muito descontentes... convosco. Dignai-vos
tomar conhecimento desta carta de Sua Santidade.

O jesuita tirou duma bolsa de seda uma cédula
carimbada com o selo pontifical, leyrou-a respeitosa-
mente aos lábios, e depois entregou-a a Catarina de
Médici. A rainha abriu a carta e leu o seguinte:

Senhora e querida filha:

«Nunca, e sob nenhum pretexto, deveis poupar os
inimigos de Deus. Eu ordenei ao comandante das mi-
nhas tropas, o sr. conde de Santa Fiore, que mate sem
misericórdia todos os huguenotes que caírem em poder
dos seus soldados; nenhum respeito humano, com as
pessoas nem com as coisas, vos deve induzir a pou-
par os inimigos de Deus, que nunca pouparam a Deus,
nem a vós mesma. E' só pelo completo exterminio
dos herejes que o rei poderá restituir a esse pobre
país a sua antiga religião. E' preciso que esses gran-
des scelerados sejam sujeitos a justos supplicios.»
Recebei, senhora, a nossa benção apostólica.

Pio.

Catarina de Médici, depois de ler esta cédula
apostólica, colora-a sobre uma mesa, e diz:

—Pelo que vejo, meu reverendo, em Roma e em
Madrid sou acusada de tolerância com os huguenotes?
Atribuem-me a responsabilidade da lentidão da guerra;
pretende-se ver nisso um cálculo político, donde se
infeere que, se eu continuar a descontentar Roma e
Madrid...

—O padre santo, vigário de Deus na terra, pode
dispensar os súbditos da obediência ao soberano,
quando este cai em heresia, ou mesmo quando a tolera.

—Continuai, meu reverendo.

—A bula de Sua Santidade Paulo IV é formal; o
papa de Roma, usando do seu direito divino, exco-
munica, interdiz, depõe os reis culpados de lesa-ma-
gestade divina, ou favoráveis a esse pecado mortal; os
tronos desses reis, declarados vagos, são ocupados
pelo primeiro bom católico que...

—Temos então ameaças... contra meu filho Car-
los IX, e contra mim!...

—Senhora, isto é apenas uma paternal advertência.

—Falemos claro. Meu filho corria o risco de se
ver deposto pelo papa.

—Triste eventualidade, senhora.

—Meu reverendo, imaginemos que o trono está
vago... Por quem o faria ocupar o nosso padre santo?

Não seria, de certo, por um Bourbon, pois que a casa
de Bourbon é herética... Ora o bom católico seria
provavelmente, segundo os desejos de Roma e de Es-
panha, o jovem Henrique de Guise, descendente de
Carlos Magno, a darmos crédito aos lorenos?

—Questão temporal, com que nada tenho, senho-
ra!



AS FOGUEIRAS DA INQUISIÇÃO

Um interessante folheto lançado oportunamente a público

O Grémio Montanha acaba de editar, numa esplêndida oportunidade, um pequeno folheto intitulado *As fogueiras da Inquisição*.

Para que se faça uma pequena ideia das verdades terríveis que contém esse livrinho que vai ser distribuído por todo o país, vamos extrair dele alguns trechos:

«Decorria o ano de 1506. Reinava em Portugal D. Manuel I.

A peste alastrava-se por toda a Lisboa. «Faziam-se preces públicas e a 15 de Abril de 1506 ordenou-se uma procissão de penitência que, saindo da igreja de Santo Estevão, se recolheu a São Domingos seguindo-se a celebração de preces solenes».

«Achava-se entre o povo um cristão novo ao qual escaparam da boca manifestações imprudentes de incredulidade acerca dos milagres».

«O miserável blasfemo foi arrastado para o adro, assassinado e queimado. O tumulto atraía maior concurso de povo, cujo fanatismo um frade excitava com violentas declamações. Dois outros frades, um com uma cruz, outro com um crucifixo arvorado saíram então do mosteiro, brandindo heresia! heresia!»

«Os cristãos novos que giravam pelas ruas desprevenidos eram mortos ou mal feridos e arrastados, às vezes semi-vivos, para as fogueiras que rapidamente se tinham armado tanto no Rossio como nas ribeiras do Tejo».

«Os dois frades enfureciam as turbas com os seus brados e guiavam-nas com actividade infernal naquele tremendo labor. O grito de revolta era: Queimam! os!»

Nessa tarde foram queimadas 500 pessoas. Só na praça do Rossio queimaram-se 300.

No dia seguinte subiram a mil as que morreram na fogueira!

«As casas dos cristãos-novos foram acometidas e entradas. Metiam a ferro homens, mulheres e velhos; as crianças arrastando-nas dos peitos das mães e pegando-lhes pelos pés, esmagavam-lhes o crânio nas paredes dos aposentos. Depois saquearam tudo. Aqui e acolá viam-se de 40 ou 50 cadáveres que esperavam a sua vez nas fogueiras».

«Donzelas e mulheres casadas, expelidas dos santuários eram prostituídas e depois atiradas às chamas».

«O número dos mortos orçava por dois mil».

«A medida que faltavam alfaías que roubar, mulheres para prostituir, sangue para beber, a multidão asserenava, e os filhos de São Domingos (os frades dominicanos) recolhendo ao seu antro, iam repousar das fadigas daquele dia».

Refere-se o aludido folheto aos crimes da Inquisição em Coimbra:

«Atulhadas de presos as escuras enxovias das torres do antigo castelo de Coimbra, muitos deles foram recolhidos em casbres imundos e fétidos. Carregados de ferros e incommunicáveis, quando algum obtinha dos inquisidores a permissão de falar com os seus, era preciso propiciar o alcaide...»

Uma das primeiras famílias sacrificadas na Inquisição de Coimbra, foi a de Simão Alvares, composta de pai, mãe e uma pequena filha destes. Eram acusados do crime de judaísmo perpetrado no Pôrto.

O bispo precisava de provar esse crime. «Mandou vir à sua presença a filha de Simão Alvares e pondo-lhe diante um brazeiro cheio de carvões acendidos, disse-lhe que se não confessasse ter visto seu pai e sua mãe agitando um crucifixo, havia de lhe mandar queimar as mãos naquele brazeiro. A criança, aterrada, confessou que assim o vira fazer no Pôrto a seu pai, e o bispo teve a prova que desejava, embora a testemunha se referisse a uma época em que contava pouco mais de seis meses de idade».

«Tratava-se do processo de uns presos de Aveiro, marido e mulher. Uma criada que os seguira foi chamada à Inquisição, e dela exigiu o bispo que declarasse ter visto praticar os seus amos factos contrários à fé. A declaração, porém, da testemunha foi exactamente o contrário. Irritado o dominicano fez-lhe encerrar num cárcere».

De tempos a tempos, mandava advertir-lhe de que se queria ser solta, acusasse seus amos. Resistiu sempre.

Acção em cólera, o frenético frade começou a espancá-la com um pau até lhe quebrar na cabeça e nas costas, deixando-a lavada em sangue, e o alcaide sagrado fez lavar o documento que quis ao som dos gritos da desgraçada».

O folheto resume assim a descrição das torturas do Santo Tribunal:

«Os inquisidores serviam-se de todos os meios, ainda os mais infames para obter a confissão das desgraçadas vítimas».

As ameaças e os maus tratos, de toda a espécie, eram acompanhados de tormentos atrozes que a ferocidade humana tinha inventado. Além de muitos outros, havia o tormento do ferro em braço com o qual se queimavam as mãos e os pés dos infelizes; o da água, que os frades-verdugos obrigavam a ingerir; a prova do pórtio, espécie de cavalo de madeira, ao qual amarravam o paciente que devia de sofrer a tortura... No suplício do esmagamento, o paciente era crucificado numa cruz em forma de X, chamada a cruz de Santo André, e sobre ela o esmagavam lentamente, apertando-lhe as carnes e fazendo-lhe estalar os ossos com uma grossa vara, empunhada pelo alcaide».

Nos tratos de pólo, a vítima elevada ao por meio de cordas e roldanas, era precipitada no espaço ficando de repente, suspensa no ar durante alguns segundos, a uma certa altura do solo, jogado, sobre o qual a deixavam cair pesadamente.

E, com que prazer os frades dominicanos ordenavam todas estas torpezas!

Para que a ignominia fosse maior e desse bem a nota de uma suprema afronta, via-se numa das paredes da sala das torturas, a imagem do Nazareno, símbolo sagrado da religião cristã, que eles próprios professavam!

E Cristo, o pobre mártir do Gólgota,

vítima, também, dos sacerdotes que o haviam perseguido e pregado numa cruz, assistia horrorizado a estas cenas degradantes do tribunal de sangue que os padres tinham inventado para martirizar os povos».

Eis uma pequena estatística de crimes, que basta para confranger o coração mais empedernido:

«Só nos resta acrescentar que desde o ano de 1557 a 1750 foram queimadas em Portugal cerca de 1.500 pessoas, morrendo 25.000 nas masmorras».

Dessa data em diante até à extinção do abominável tribunal quantas pessoas foram supliciadas e queimadas!

O número total das criaturas presas, torturadas e queimadas sobe a 50.952.

Um horror!

Na Índia Portuguesa também se fez sentir a acção do tribunal maldito. Nada menos de 6.373 pessoas foram torturadas, morrendo 972 nos cárceres e 116 nas fogueiras.

Sempre as torturas! Sempre as fogueiras! Sempre os cadáveres reduzidos a torresmos!

Infeliz humanidade que tanto tem sofrido por causa de uma religião de ódios e perseguições, contrária, em absoluto, às filosóficas e humanitárias doutrinas de paz e amor pregadas por Jesus Cristo.

A Revolução de 1820, organizada por um grupo de liberais presidido pelo grande patriota Manuel Fernandes Tomás, pôs termo à mais infame das instituições que têm existido sobre a terra».

Os ferroviários de Lourenço Marques

Os protestos dos operários conservadores de Peniche

PENICHE, 31.—Com grande concorrência dos componentes do Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Peniche, realizou-se na sede deste organismo uma sessão que foi presidida por José do Carmo e secretariada por Luís Fernandes Calafornia e António Ambrosio Tomé. Aberta a sessão o presidente expôs os motivos porque a direcção tinha, apelando para a solidariedade de todos os componentes, convidado a comparecer. Foi apresentada uma circular da C. G. T. que, depois de discutida, a assembleia aprovou por unanimidade. Nessa altura foi apresentada pelo camarada Adriano Ferreira da Silva uma proposta com as seguintes conclusões:

1.º. Protestar contra os actos canibalescos praticados por Azevedo Coutinho contra os ferroviários de Lourenço Marques, que há cerca de 4 meses estão mantidos por ordem das autoridades da província de Moçambique.

2.º. Que desta resolução se dê inteiro conhecimento, por meio de um telegrama de protesto ao ministro das Colónias.—C.

Um protesto dos manipuladores de pão do Pôrto

Numa assembleia geral, fartamente concorrida, dos operários manipuladores de pão, do Pôrto, para serem tratados assuntos de interesse colectivo e de carácter imediato—foi entusiasticamente discutida a situação dos intemeratos grevistas dos caminhos de ferro de Lourenço Marques e, energeticamente, verberada a atitude despótica do Alto Comissário e a cumplicidade irritante do governo, que consente todas as arbitrariedades, desleixos e desbaratamentos cometidos criminosamente em Moçambique pelas autoridades comissárias.

Depois de todos os presentes manifestarem a sua funda simpatia pelos ferroviários de Lourenço Marques, saudando os deportados para o continente, foram aprovados a seguinte moção e telegrama:

«O Sindicato dos Operários Manipuladores de Pão do Pôrto, reunidos hoje em assembleia geral, apreciando a marcha do movimento grevista do pessoal do Pôrto de Lourenço Marques, movimento esse baseado na alta necessidade de defender direitos que aquela classe conquistou à custa de imensos sacrificios;

Considerando que esse movimento dura já há quatro meses, durante os quais os grevistas têm demonstrado uma energia sobrehumana, apesar da enorme perseguição exercida pelo alto comissário da província de Moçambique;

Considerando que entre outras infâmias cometidas por aquela autoridade, se constata a deportação de ferroviários; a prisão em massa de uma grande parte da classe e a sujeição da mesma ao regime do célebre vagão-fantasma, expostos uns, aos mais ardentes sol—e ainda o fustigamento de alguns ferroviários em plena rua;

que, apesar da solidariedade dispensada pela população de Lourenço Marques àquela classe, e dos protestos da imprensa independente contra a atitude do Alto Comissário em não querer atender às justas reclamações dos grevistas e da população daquela cidade, se sente a necessidade de um protesto geral de toda a classe trabalhadora, para exigir do governo da metrópole a revogação das medidas que deram origem ao movimento encetado pelos grevistas, estabelecendo-se as usuais «demarches» para a solução do conflito de forma àquela classe ver atendidas as suas reclamações, entre as quais a reintegração de todo o pessoal demitido, inclusivé aquele que iniquamente foi deportado; este Sindicato resolve:

1.º. Imediatamente afirmar toda a sua solidariedade moral e material ao pessoal do Pôrto de Lourenço Marques.

2.º. Protestar contra a sistemática perseguição exercida pelo alto comissário de Moçambique contra esta classe.

3.º. Dar conta deste protesto ao ministro das Colónias e presidente do ministério.

4.º. Reclamar do governo central a solução imediata do conflito, obrigando este, para isso, as autoridades de Lourenço Marques a atender as justas reclamações da-

Uma reunião pública do Núcleo da Juventude Sindicalista do Pôrto contra as deportações e contra o fascismo

Devia realizar-se no passado domingo, na alameda das Fontainhas, um comício público, de protesto contra as deportações sem julgamento e contra a premeditada implantação do fascismo em Portugal, promovido pelo «bloco das esquerdas republicano-sociais».

Como o tempo não o permitiu ficou o mesmo transferido para o domingo de Páscoa. Ora, como no dito «bloco» reina grande confusão, entendeu o Núcleo da Juventude Sindicalista do Pôrto que devia marcar a sua posição em face do «bloco», para o que promoveu uma sessão pública aproveitando o ensejo para protestar contra as deportações sem julgamento.

A pesar de só ao fim da tarde de domingo se ter feito a convocação, a sala de sessões de Entreparedes encheu-se completamente. Às 21 horas, Lúcio da Silva, secretário geral do Núcleo, abriu a sessão explicando qual o seu fim e em seguida convidou para presidir o velho militante Serafim C. Lucena e para secretários E. Miranda e Domingos Barbosa. Depois de Lucena alvir para que a tribuna fosse livre, o que se aceite, Inácio Martins refere-se à posição que a Juventude marcou na última assembleia geral e que agora vai ser ratificada. Referindo-se à posição da organização operária perante o bloco, diz que os trabalhadores conscientes já há muito têm o seu bloco formado para se defender dos ataques dos seus exploradores e conquistar a sua emancipação. Analisa a posição da C. S. do T. do Pôrto, referindo-se também à atitude dos republicanos que só agora acordaram para protestar contra as deportações.

Não quer pois a Juventude Sindicalista ir de braço dado com partidos políticos inimigos verdadeiros da Emancipação dos Trabalhadores.

Referindo-se às ditaduras existentes, incluindo a russa, o orador é interrompido pelos partidários da «frente única» que não o deixaram expor convenientemente a sua forma de pensar.

No final faz a afirmação repetida já tantas vezes: o povo português é avesso a todas as ditaduras.

José Silva, comunista, diz «que precisa de dizer duas palavras a uns e a outros». Entende que de harmonia com os seus princípios não deve imitar os nossos adversários burgueses, tentando o propósito de decorer do congresso nacionalista.

Não precisamos de ir atacar uma ditadura—a russa—que é completamente diferente das outras. Agora basta algumas afirmações de I. Martins. Diz que ele não tem autoridade moral para atacar os republicanos, por julgar que só agora é que se lembraram de vir protestar contra as deportações. Cita que a organização operária quando protestou não pediu o auxílio de ninguém, porque quis agir por si só. Não é caso para que nós agora queiramos negar o nosso auxílio aos republicanos que vêm até nós. Quanto à sinceridade dos amigos republicanos não a discute.

Quanto à revolução russa e sua ditadura afirma que a classe operária amanhã terá de lançar mão da mesma arma.

Adolfo de Freitas começa por dizer que a Juventude Sindicalista, tanto pela sua ideologia, como pela sua estrutura organizativa, jamais poderá colaborar com qualquer partido político.

Anastácio Ramos considera ironicamente as Juventudes uma grande corrente social. Elogia a ditadura proletária.

Usam ainda da palavra Mário Ferreira e Lucena, este último fazendo a defesa dos anarquistas no bloco.

No final foi lida a seguinte declaração das Juventudes Sindicalistas.

«A Juventude Sindicalista do Pôrto, reunindo publicamente para expor o seu modo de ver quanto às violências exercidas pelo Estado burguês, que deportou trabalhadores por estes desejarem a sua emancipação, e ao mesmo tempo outros indivíduos por exporem publicamente e de armas na mão as suas ideias—resolvem: 1.º. protestar contra todas as violências do Estado burguês. 2.º. declarar-se intransigente inimiga do Estado, e pôr-se de sobreaviso para defesa da liberdade. 3.º. manifestar a sua disposição de tomar conta das armas para impor a sua vontade de Emancipação Social».

Foi ainda aprovado um protesto contra a extradição de Paulo da Silva, preso no Havre.

Carestia da vida

O S. U. Metalúrgico de Lisboa contra a especulação da batata

A comissão administrativa do S. U. Metalúrgico de Lisboa, na sua última reunião ocupou-se da carestia da vida e apreciou o proteccionismo dispensado à exportação da batata nacional e a forma como se dificulta a importação de batata francesa, o que origina a escassez deste tubérculo no mercado, que, com as manigancias em torno do azeite e outros géneros, dão a expectativa da fome, redução dos salários, desemprego e outros males contra os quais este organismo protesta.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTDES SINDICALISTAS

Núcleo do Pôrto.—Recebemos teses. Núcleo do Barreiro.—Enviem teses com urgência, de contrário não serão publicadas.

queixa classe, para que esta possa voltar ao trabalho.

5.º. Dar conta do conteúdo desta «moção» à C. G. T., para que ela possa actuar, segundo as circunstâncias do momento».

«Sindicato Operários Manipuladores de Pão do Pôrto hoje reunidos, apreciando a marcha movimento grevista pessoal Lourenço Marques, prestando ao mesmo tempo a sua solidariedade, reclama governo central imediata solução conflito, como é de justiça.—Secretário, Alberto Gomes».

A BURLA DO BANCO COMERCIAL DO PORTO

Os depositantes ficaram sem um centavo, ao passo que os banqueiros ficaram com as suas fortunas intactas!

PORTO, 1.º—Os pequenos burlados pelo Banco Comercial do Pôrto, isto é: aquelas criaturas que, na sua ingenuidade, e fiando-se nos «barões da aduella»—Marques de Sá—empregaram o seu dinheiro em promissórias ou depositaram-no à ordem, efectuaram domingo pretérito uma importantíssima reunião a fim de tomar deliberações sobre a vigarista atitude dos burlões do referido Banco Comercial do Pôrto.

A reunião, por assim dizer convocada pelo lesado Manuel Jesus Moraes, excedeu a expectativa, pois compareceram algumas centenas de ludibriados do Pôrto e províncias.

Nessa histórica assembleia onde a alta finança foi dura mais justamente verberada, mais uma vez se provou as estupididades manigancias de que se servem os *hauts gômmes* das roubalheiras bancocráticas para surripiarem infamemente as economias daqueles que tanto se sacrificaram para as entregar à voragem avassaladora das plutocracias financeiras.

Na citada assembleia dos roubados, efectuada numa casa particular situada em Cima do Muro, à Ribeira, os oradores, principalmente Manuel Jesus Moraes, flagelaram, revoltadamente, não só a antiga direcção do Banco, como ainda a actual, demonstrando-se que, depois de estarem suspensos os pagamentos, ela entregou à Casa Bancária Fonseca Araújo, quando sabia estar falida, o dinheiro existente: a importância de 1349 contos. Quer dizer: o Banco estava falido; mas como era credor de 800 contos, entregou-se-lhe, depois de suspender os pagamentos para toda a gente, aqueles 1.349 contos—em vez, como mandava a boa lógica, de serem depositados na Caixa Económica do Estado ou no Banco de Portugal.

Se se não depositou no último Banco, não foi certamente por ele ser considerado tão burlista como o Angola e Metrópole—mas tão somente para que—para amigos mãos rôtas—ta tal firma Fonseca Araújo se pudesse pagar por suas próprias mãos os 800 contos—livrando-se duma aflição e sentindo-se profundamente aliviada.

De maneira que aqueles depositantes à ordem e portadores de promissórias de «escala menor», justamente aqueles que conseguiram, com o seu trabalho, um pecúlio fraccionadíssimo de perto de 3.000 contos—estão na contingência de ficar sem um centil, porque os grandes tubarões, tendo tudo na mão, sabem muito bem combinar as coisas de molde a não perderem e a deixarem na miséria muitas famílias que tiveram a ingenuidade de se fiar na honradez dos comerciantes do Banco Comercial do Pôrto.

A provar a financeirice, isto é: a patifaria burlesca do que fica dito, sabe-se que o tal «Barão da Aduella», ou seja «o burlão Marques de Sá» —bem como a sua comitiva, —pôs toda a fortuna roubada ao Banco, em nome dos fiéis, para assim fugir à acção da justiça».

O Banco Comercial do Porto, fugindo às suas atribuições, emprestou à larga e entrou em toda a sorte de negócios, de empresas. Os burlistas foram acumulando e pondo em nomes familiares colossais fortunas. Depois... a derrocada fictícia... e os desgraçados ficaram burlados—os desgraçados pequenos credores, os desgraçados depositantes de promissórias, mas que perferiam perto de 3.000 contos.

Estas vítimas, depois de profligarem energeticamente os burlões do Banco Comercial do Pôrto, aprovaram unanimemente uma proposta que, entre outras coisas, reclama:

Chamar «a responsabilidade todos os que contribuíram para a ruína do Banco e a meter na cadeia, sem fiança, e em comformidade com a lei de excepção feita, e votada pelo parlamento, para os burlões do Banco Angola e Metrópole—e bem assim a confiscação de todas as fortunas, adquiridas à custa dos seus depositantes, que se encontravam no dito Banco».

Que, de harmonia com a mesma lei, sejam confiscados todos os valores do célebre burlão Marques de Sá;

Que nenhum dos acionistas possa receber qualquer quantia, visto que eles, sem cautionamento, fizeram um levantamento, recebendo, ficticiamente, 30 %, de dividendo, como se prova pela falsificação da escrita «burla»;

Que o governo tom conta do Banco para a sua liquidação, assim como das acções de Salamanca, para os seus depositantes serem pagas as suas promissórias, visto que eles não têm responsabilidade alguma nas burlas feitas pelos próprios acionistas;

Que seja despedido todo o seu pessoal visto estar a comer o resto do capital existente e os seus estatutos estarem sofismatados, para assim poderem levantar os seus depósitos com prejuízo de terceiros;

Que seja chamado à responsabilidade, dando entrada na cadeia, esta direcção, pela maneira como tem contribuído, mancomunada com a Casa Bancária Fonseca Araújo, para a ruína do dito Banco Comercial do Pôrto.

Os reclamantes, isto é: os burlados, resolveram também empregar a acção directa isto é: na próxima assembleia geral dos acionistas, ir, em massa, ao local onde ela se efectuar, tomando, à força, parte nela, para defenderem o seu rico dinheiro... a voar... a voar... para os Marques de Sá e Fonseca Araújo».

Estes são os honrados gatunos...

CRISE DE TRABALHO

Cocheiros de Lisboa

A direcção da União dos Cocheiros de Lisboa conferenciou ontem com o presidente do ministério sobre a crise de trabalho que afecta a classe. O sr. António Maria da Silva, depois de ouvir a exposição daquele organismo, prometeu interessar-se pelo assunto.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.—Reuniu antontem a Comissão Administrativa, tendo apreciado toda a correspondência respeitante à greve dos operários das obras da Barra de Viana do Castelo. Tomou também conhecimento dos trabalhos encetados em Lisboa e Pôrto para a solução da mesma.

Foi apreciada a forma como está decorrendo a admissão de operários nos trabalhos das construções das novas oficinas do Caminho de Ferro do Sul e Sueste, sendo resolvido propor ao Conselho Federal a realização duma conferência dos Sindicatos da C. Civil de Almada, Seixal, Barreiro e Setúbal para que numa acção comum tratem deste importante assunto.

Foi apreciado um officio do Sindicato da C. Civil de Lamego, comunicando as conclusões a que chegou nas *demarches* realizadas junto do presidente da Câmara Municipal para o cumprimento do horário de trabalho.

Apreciada uma circular da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional, apelando para a solidariedade desta Federação em prol do camarada Paulo da Silva, foi resolvido secundar tão justo apelo.

Foram apreciados assuntos de carácter administrativo e coligidos diversos trabalhos para apresentar à reunião do Conselho Federal que deve efectuar-se na próxima semana.

Federação Mobiliária.—Reuniu o Conselho Federal, que apreciou entre o vário expediente: um officio enviado pelo Socorro Vermelho pedindo para que esta Federação convidasse os seus organismos aderentes a levarem à prática sessões de protesto contra a extradição que o governo francês pretende levar a feito na pessoa de Paulo da Silva; ficou resolvido que se officiassem aos organismos aderentes no sentido de os mesmos levarem à prática as ditadas sessões; outro officio do S. U. Mobiliário do Pôrto pedindo um delegado directo para assistir a uma reunião de militantes que o mesmo organismo convocou para apreciar a situação em que se encontra. Depois de vários camaradas se terem pronunciado sobre o assunto, foi resolvido enviar como delegado o camarada Manuel Nunes.

Federação Metalúrgica.—Comissão Administrativa.—Em sua reunião da pretérita terça-feira, entre vário expediente, apreciou as circulares 55 e 56 da C. G. T., resolvendo quanto à primeira, que se refere à greve ferroviária de Lourenço Marques, enviar um officio de protesto ao ministro das Colónias; quanto à segunda, que se refere ao estabelecimento duma cota especial para menores e mulheres sindicadas, foi resolvido fazê-la baixar à apreciação do Conselho Federal, bem como o caso Paulo da Silva, ameaçado de extradição da França pelos esbirros da policia portuguesa.

Deliberou officiar ao Sindicato Metalúrgico da Marinha Grande, a fim de o delegado deste sindicato que foi ao Congresso de Santarém enviar a acta da Conferência Metalúrgica, efectuada naquela cidade em Outubro de 1925.

Apreciou um extenso officio do comité metalúrgico do Norte juntamente com um manifesto que este distribuiu aos metalúrgicos do Pôrto e onde se trata circunstanciadamente da atitude do S. U. Metalúrgico do Pôrto em face da scisão da Secção da Arrábida, cujos causadores, que se afirmam militantes metalúrgicos, são J. Gomes Mendes, José dos Santos e Anastácio Ramos, resolvendo officiar ao referido comité prometendo coadjuvá-lo quanto seja possível.

Ocupou-se do decreto que coarta a liberdade de fabricação de isqueiros e acendalhas de gasolina e cria um tipo único dessas acendalhas, decreto que prejudica não só os industriais como os operários metalúrgicos e o público em geral, em benefício exclusivo da Companhia dos Fósforos, o que representa um monopólio mascarado.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

S. U. Mobiliário.—Comissão Administrativa.—Pelas 20 horas, para um assunto urgente.

Pessoal do Município.—A's 21 horas as comissões de melhoramentos, administrativa, sede, propaganda, solidariedade e mesa de assembleia geral. Convidam-se também as comissões profissionais dos construtores de macadam e calçadas.

Manipuladores de Pão.—A's 19 horas, em conjunto: as comissões administrativa organizadora de festas para assunto urgente.

Refinadores de Açúcar.—A's 14 horas.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato dos Mineiros de São Domingos.—Reuniu extraordinariamente a assembleia geral. A's 20 horas foi aberta a sessão, sendo lida em primeiro lugar a circular apelo pró-presos por questões sociais. Tomada em consideração. Os membros da Comissão Escolar e da Biblioteca registam a oferta de alguns livros, pelos camaradas de Beja, em especial os da delegação do Sul e Sueste daquela cidade. Foram ventilados, tomando-se resoluções, alguns assuntos de carácter interno, como sapataria (oficina de), transmissão da propriedade de para o nome do sindicato, etc., etc. Entrando-se na ordem de trabalhos o presidente corrobora o que o correspondente de *A Batalha* havia escrito numa pequena notícia, pois, de facto, o aumento de salário a indivíduos «escolhidos» também beneficiou a alguns camaradas embora em muito reduzido número.

O presidente prosseguindo: Há exclamações de protesto entre os operários, mesmo nos trabalhos, mas ninguém nesse lugar pode manifestar-se activamente pelas mesmas razões de opressão que têm obstado à efectivação de muitas e boas coisas de utilidade geral, também de interesse da própria empresa e consequentemente dos srs. ingleses. Homens que possuem provas inquestionáveis—da parte propriamente de gerentes da empresa—de muita consideração para com eles tida em épocas anteriores, sofrem em virtude da tacañez dos actuais gerentes e seu antecessor!

Sancionadas as resoluções da direcção sobre este assunto, é pelo presidente da sessão e membros da direcção presentes feita a exposição clara, de resoluções pelos mesmos tomadas em reuniões ordinárias e pelo assunto.

Em Faro realizou-se, com o patrocínio de republicanos, de bombeiros e de polícias, a clássica fantochada do Senhor dos Passos

FARO, 29.—Pelas ruas desta cidade exibiui-se ontem mais uma fantochada religiosa, a tradicional procissão dos Passos que alguns anos se não realizava. E para que a mesma resultasse brilhante era necessário que os carros alegóricos fossem devidamente ornamentados.

E assim as filhas do Senhor dos Passos andaram numa roda viva durante toda a semana a tratar de lavar as mãos e pés aos santos que haviam de tomar parte no cortejo carnavalesco. E de facto assim succedeu: lá safu o Senhor para a rua cheio de flores e às costas duns moços de fretes honorários.

Fazia a guarda de honra um piquete de bombeiros municipais, corporação esta que se diz republicana.

Lá vimos incorporados no cortejo muitos operários e inúmeros republicanos não esquecendo o «xefe» da policia civica, de barrete na mão. Vimos muitas pessoas a curvarem-se lançando o joelho em terra à passagem de um bocado de madeira a que chamam um santo.

Mas o que mais nos revoltou foi ver criancinhas, com um dia frio e tempestuoso, descalças e que mal podiam pôr os pés no chão, incorporadas no cortejo a servir de anjinhos e em cumprimento de promessas.

E para fechar vimos na rua 1.º de Dezembro uma espécie de tenda de feira, que significava um altar onde se realizava o encontro do Senhor...

Mas como isto não bastasse, trabalhava-se afanosamente para que na próxima sexta-feira resulte brilhante a procissão do Senhor Morto e ficamos espantados com um aviso, que se encontra nas montras dos estabelecimentos desta cidade, com o seguinte título: «Procissão do entéro do Senhor».

Tendo a mesa da Misericórdia receio de que por falta de balandrais não se realize o entéro, mandou confeccionar 200 que se encontram à venda na tabacaria Albano e para todas as pessoas que quiserem tomar parte na procissão. Lemos e pasmamos.

E lembra-se a gente que o hospital está desprovido de instrumentos cirúrgicos para fazer qualquer operação! Que as crianças do Asilo de Santa Isabel andam a mendigar! Tudo por falta de recursos; e no entanto há dinheiro para se mandar fazer balandrais só para que uma fantochada não deixe de sair à rua!